

## **A preservação dos valores femininos em meio à modernização da cidade do Recife: o lugar político e cultural das mulheres integralistas (1930-1937)**

HELISANGELA MARIA ANDRADE FERREIRA<sup>1</sup>

Orientadora: Giselda Brito Silva<sup>2</sup>

A sociedade de 1930 passou por inúmeras modificações decorrentes do cenário político e cultural que estavam tomando novos rumos. A Revolução de 1930 proporcionou para o país um novo modelo econômico passando de agroexportador para industrial. Nos primeiros anos de 30 há uma implantação gradativa das indústrias no Brasil. O centro de irradiação econômico passa por mudanças que vão refletir diretamente nas relações sócio culturais da sociedade da época.

Em Pernambuco Agamenon Magalhães apoia o governo Vargas. As mudanças na cidade do Recife foram muitas durante o governo Agamenon, pois ele teria que acompanhar os moldes estados novista, segundo Almeida (2001, p. 47): “dever-se-ia imprimir o ideário estado novista moldando-se a mentalidade do povo, por meio de um processo hegemônico, uma vez que a base do discurso do Interventor era a criação do ‘consenso social’”. Havia uma vigilância bastante coercitiva para com o povo, o jornal a Folha da Manhã foi um dos meios de comunicação utilizados para expor o posicionamento do estado.

Com o crescimento desordenado da cidade do Recife não havia lugares para todos, surgindo assim os mocambos, como aponta José Lira (1994, p. 740): “um mocambo que aparece de uma urbanização excludente, mas que deita suas raízes em um processo de espoliação rural, ligado ao latifúndio da cana-de-açúcar e a sua desintegração”. O número dessas moradias na cidade crescia e preocupava as

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História – DEHIST (Departamento de História)/UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco). E-mail: helly\_andrade@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente/Pesquisadora do Departamento de História – DEHIST (Departamento de História)/UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco). E-mail: gibrs@uol.com.br

autoridades locais, sendo criado durante o governo de Agamenon Magalhães “a liga social contra o mocambo”<sup>3</sup>.

Tinham-se projetos para o embelezamento da cidade e a presença da camada popular era tida como indesejada.

O jornal “O momento” órgão defensor dos interesses dos hansenianos apresenta uma matéria homenageando Agamenon Magalhães como o grande saneador da nossa terra. Tais modelos de habitação são consideradas impróprias para o operário devido às precárias condições de higiene. O interventor do estado mostra-se bastante preocupado com essa população ou seria parte do plano de modernização retirar essas moradias que contrastavam com o cenário do novo Recife:

Utilizando inteligentemente o seu prestígio pessoal e o de interventor federal do Estado Agamenon Magalhães procurou convencer os chefes de empresas e a opinião pública sobre a necessidade de se assegurar ao trabalhador condições de habitação mais condigna e de cuidar do mesmo como pessoa humana, em benefício da própria eficiência no trabalho de um maior rendimento das emprêsas<sup>4</sup> (*sic*).

A sociedade de 30 passou por muitas mudanças, os lugares dos sujeitos foram reestabelecidos nessa época. A imprensa recifense estabelece um novo papel para as mulheres. Em meio a tantas mudanças no cotidiano recifense, quais seriam os lugares da mulher nessa sociedade? Pretende-se mostrar quais eram os espaços ocupados pelas mulheres na sociedade recifense de 1930.

Os periódicos da época apresentavam dois tipos de discursos, um exaltava a mulher moderna que estava envolvida com os acontecimentos políticos, sociais e da moda. O outro legitimava o modelo tradicional, onde a mulher deve ser educada para o

---

<sup>3</sup>LIGA SOCIAL CONTRA O MOCAMBO. **Descrição e resumo.** Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Disponível em: <<http://www.urbanismobr.org/bd/documentos.php?id=156>>. Acesso em: 30 mar. 2012. Nesse momento, sob pressão de diversas camadas da sociedade, organizou-se no Recife uma campanha contra o tipo de habitação que já se consolidara como característica da cidade, o mocambo. Reuniram-se, assim, em termos de política habitacional, as iniciativas privadas e públicas. Essa reunião de interesses bem distintos concretizou-se no programa de incentivo e de construção de casas da Liga Social Contra o Mocambo, em 1939.

<sup>4</sup>APEJE/DOPS. Jornal “O Momento”. **Prontuário Funcional N° 31.330.** Órgão defensor dos interesses dos hansenianos. Recife, Agosto de 1955.

casamento e evitar os espaços públicos para não ficar “mal falada”. Como aponta Oliveira (2002, p. 22)

O sujeito dito moderno é construído num contexto de louvação à modernidade, vista e dita como o desejo de emancipação do obscurantismo, dos preconceitos, tecendo uma rede maior de liberdade, de individualização cada vez mais crescente. Era entendida, ainda, como um território envolvido pela valoração do capital e do progresso, pela busca incessante do novo e pelo impulso de esquecer o passado, de sociabilizar-se com as normas atuais rompendo com as antigas, criando aversão a quase tudo que estivesse relacionado com o rural, o atrasado, o anti-higiênico e o anti-científico .

Houve uma movimentação no Brasil em relação aos direitos das mulheres como aponta Soihet (2000), em meados do século XIX muitas reivindicavam pelo direito de participação na sociedade como Nísia Floresta<sup>5</sup> e Josefina Alvares de Azevedo<sup>6</sup>. Mulheres letradas que exigiram uma educação qualificada e uma maior participação nas decisões políticas como o direito ao voto feminino. Esse foi o caso da pernambucana Celina Nigro, a primeira eleitora do estado. O governo provisório concede a mulher o direito ao voto.

Segundo o Diário de Pernambuco: “Em Pernambuco, a primeira representante do belo-sexo que solicitou a sua admissão no alistamento eleitoral do Estado foi a aplaudida virtuose do canto senhorita Celina Nigro que acha qualificada desde 28 de dezembro ultimo”<sup>7</sup>.

Carla Luciana Silva e Gilberto Grassi Calil (2000) recuperaram o testemunho de pessoas que fizeram parte da AIB. Com destaque para o depoimento de Emílio Otto

<sup>5</sup>FLORESTA, Nísia. **Dados biográficos**. Disponível em: <<http://www.editoramulheres.com.br/cartasnisia.htm>> Acesso em: 08 jan. 2013. Estreou nas letras através do jornal *Espelho das Brasileiras*, dedicado as senhoras pernambucanas e que pertencia ao tipógrafo francês Adolphe Emille de Bois Garin. Durante trinta números do jornal (de fevereiro a abril), colabora com artigos que tratam da condição feminina em diversas culturas.

<sup>6</sup>AZEVEDO, Josefina Alvares de. **Vida**. Disponível em: <<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/catalogo/josefinavida.html>> Acesso em: 08 jan. 2013. Nascida no Recife em 05 de março de 1851 dedicou sua obra jornalística e literária em função da militância pelos direitos da mulher. Fundou o jornal *A Família* e defendia a educação como requisito para a elevação do status das mulheres.

<sup>7</sup>A primeira eleitora pernambucana. **Jornal Diário de Pernambuco**. Recife, Sexta-feira, 6 de janeiro de 1933. p. 3.

Kaminski, ex-chefe provincial integralista, afirma que a mulher deveria ser proibida de trabalhar, o lugar da mulher seria em casa cuidando do marido e dos filhos para sobrar mais empregos para os homens.

Observa-se nessas ideias o quanto a mulher ocupar o público não era aceito, principalmente, pelos integralistas que exaltavam a família e a mulher como sendo o alicerce da educação dos filhos e da organização do lar. Tais discursos, eram partilhados pela sociedade, como apresenta Ana Alves:

O movimento operário (movimentos revolucionários e socialistas do século XIX e primórdios do século XX) respaldava a imagem do casamento e da família como a carreira principal da mulher; brigava pela profissão e o salário do homem, tanto foi assim, que a tendência era lutar pelo cálculo do salário mínimo (2011, p. 182).

A mulher era tida como um ser frágil e indefeso que necessitava dos cuidados masculinos para não se “desviar”, seduzidas pelos encantos da sociedade. Rago aponta: “Não é a mulher esta carne fraca, presa fácil das paixões, que sucumbe sem resistências ao olhar insistente ou aos galanteios envaidecedores do sedutor?” (1987, p 85).

Percebe-se que para a sociedade dessa época a mulher não tinha autonomia em gerir sua vida, ficando na sombra dos homens. Algumas mulheres subvertiam a ordem estabelecida e mostravam que o sexo feminino não era assim tão frágil, como se pode observar o caso de Maria Emília:

RIO, 1 - Comunicam de Muriaré em Minas, que a polícia prendeu uma quadrilha, na serra Morena, capitaneada por uma senhorita de nome Emília Mendes, de 20 anos de idade. Essa quadrilha havia há poucos dias assaltado uma fazenda no subúrbio de Barra, perto de Muriaré. Os ladrões, chefiados por Emília, fizeram um saque completo, durante o qual foi assassinado o dono da fazenda roubada, sr. Gabriel Xaia<sup>8</sup>.

Casos como o de Maria Emília chama a atenção, já que na década de 1930 eram comuns as mulheres crimes de infanticídio, aborto e pequenos delitos. Moreira (2007) reitera que “torna-se, então, inaceitável, incompatíveis a criminalidade e a

---

<sup>8</sup>Uma quadrilha de salteadores chefiada por uma mulher. **Jornal Diário de Pernambuco**. Recife, Quarta-feira, 2 de julho de 1930.

feminilidade da mulher, ou seja, a mulher criminosa estaria de certa forma renunciando à sua condição de mulher, à sua própria feminilidade”. E nesse caso o jornal afirma que a mesma chefiava a quadrilha, até os nossos dias as mulheres geralmente não assumem lideranças em bandos, eles são cúmplices ou mesmo servem de engodo.

Apesar de toda movimentação que essa década proporcionava para os sujeitos, o conservadorismo exerce grande influência na sociedade. Há uma forte presença patriarcalista, ficando os homens receosos em relação ao lugar da mulher em meio à modernidade. O Brasil encontra-se em busca da identidade nacional que represente a República, o movimento modernista exalta os elementos nacionais. Segundo Stuart Hall (2003) as identidades nacionais são criadas, nós não nascemos com ela é algo que representa o indivíduo enquanto pertencente de determinado grupo.

Muitas são as precauções que a mulher deveria ter ao frequentar o espaço da rua, locais cercados de perigo a sua reputação, Sueann Caulfield (2000, p. 26) explica a honra sexual “representava um conjunto de normas que, estabelecidas aparentemente com base na natureza, sustentavam a lógica da manutenção de relações desiguais de poder nas esferas privada e pública”. Enquanto algumas mulheres se preocupavam com o bom vestir e quais locais iriam frequentar, outras se preocupavam com o sustento da família.

Os jornais eram importantes meios de comunicação que exercia influência na sociedade de 1930. A coluna *Femina*<sup>9</sup> que circulava no Diário de Pernambuco acompanhava a seguinte frase: a vida no lar e na sociedade - Modas, Elegância e Mundanismo. Em relação a vida no lar, *os creados*, abordava de que maneira a mulher deveria tratar seus empregados. Um poema dedicado aos filhos intitulado de conselhos ao meu filho, logo em seguida a moda atual e as estrelas de cinema sendo destacadas no fim da coluna.

Esses periódicos produziam modelos de mãe, esposa, dona de casa e agora de mulheres da sociedade. Tanto que há uma preocupação com os cuidados com o lar,

<sup>9</sup> **Jornal Diário de Pernambuco.** FEMINA. Quarta-feira, 1 de janeiro de 1930.

filhos, mas sem esquecer as regras de moda, afinal de contas eram mulheres burguesas.

Oliveira destaca:

A República brasileira, em particular as décadas de 20 e 30, apresentam-nos mulheres enfeitadas, ornamentadas de cores e cortes que encantam, mas que também mascaram sua própria escravidão à moda, sua subserviência ao masculino através do batom Michel que marca os lábios, do pó facial Neve que encobre as manchas, do chapéu Cappellier que esconde a subordinação (2002, p. 275).

A maternidade é tida como natural para a mulher, sendo legitimada pelo estado, pelos conservadores e pela Igreja Católica. O mito da maternidade foi uma construção social que remonta anos desde Santo Agostinho, de acordo com Rocha (2005, p. 86): “a história da construção da maternidade pode ser referendada também com os escritos de Santo Agostinho, pois este ajudou a solidificar a ideia de que a mulher representava um perigo para a vida ascética”. Ao longo da história<sup>10</sup> a mulher é tida como frágil e apresenta perigos se não fosse bem instruída, sendo assim necessitava de cuidados especiais estando sob a tutela da figura masculina.

E no século XX não é diferente a mulher que ousasse transgredir a ordem em relação ao seu lugar social estabelecido seria punida. Os estudos de Rita Couto<sup>11</sup> apresentam de maneira clara de como o discurso eugênico era utilizado para manter esse status quo de santidade legitimando a figura da “santa-mãezinha”<sup>12</sup>. “O modelo do gênero feminino manteve a essência mítica herdada do período colonial, mesclando-se, todavia como visão científica da eugenia”<sup>13</sup>.

<sup>10</sup>Durante o período colonial essa normatização se encontra presente, “O outro instrumento utilizado para a domesticação da mulher foi o discurso normativo médico, ou ‘phísico’ sobre o funcionamento do corpo feminino. Esse discurso dava caução ao religioso na medida em que asseverava cientificamente que a função natural da mulher era a procriação. [...] Ela deveria apagar todas as marcas da carnalidade e animalidade do ato pela imediata concepção. Daí serem malditas as infecundas, as incapazes de revestir com a pureza da gravidez a dimensão do coito. Daí também a importância do casamento em dar uma ordem e uma regra para a natureza, a priori corrompida.” DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo:** condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. São Paulo: UNESP, 2009. p. 24; 27.

<sup>11</sup>COUTO, Rita Cristina de Medeiros. **Eugenia, loucura e condição feminina.** Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 90, 1994. p. 52-61. Disponível em <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/882.pdf>> acesso em 03 de fevereiro de 2013.

<sup>12</sup>DEL PRIORE, Mary. *op. cit.* p. 23.

<sup>13</sup>COUTO, Rita Cristina de Medeiros. *op. cit.* p. 55.

Rita Couto ainda nos apresenta casos classificados como degeneração atípica ou moral, mulheres adúlteras eram internadas em sanatórios ou então se as mesmas se relacionassem com pessoas de classe social inferior. Ela afirma que esses espaços eram também reguladores das relações sociais podendo significar exclusão ou tentativa de normalizar as pessoas que rompessem os parâmetros instituídos pela sociedade<sup>14</sup>.

Maria Freire<sup>15</sup> afirma que se há uma unanimidade entre os juristas, militantes do movimento feminista, colaboradores das revistas femininas, era em torno da maternidade que deveria ser mantida independente da função social que a mulher exercesse. Havia uma defesa em relação a participação da mulher na sociedade de maneira mais incisiva, mas a mulher não poderia esquecer da sua verdadeira vocação.

Em relação ao mito da maternidade a autora Elisabeth Badinter nos apresenta três discursos que legitimam esse lugar “um alarmante discurso econômico, dirigido apenas aos homens esclarecidos, um discurso filosófico comum aos dois sexos e, por fim, um terceiro discurso, dirigido exclusivamente às mulheres” (1985, p. 44)

O discurso econômico visa o desenvolvimento da sociedade através do aumento populacional, o segundo visa a felicidade dos indivíduos um discurso que entrelaça essa ligação dual e o último para as mulheres acerca da sua responsabilidade diante da nação, educar os filhos da pátria, para tanto é o lar a sua missão.

A década de 1930 passava por conflitos sociais e a participação da mulher nos espaços era motivo de discussões. A segregação econômica estabelecia os lugares dessas mulheres, para as dos setores médios era até permissivo que exercessem atividades remuneradas, salvo para complementar a renda familiar, mas o lar era a sua prioridade. A alta sociedade se preocupava com o bom vestir e quais lugares deveriam frequentar, mas a sua responsabilidade seria zelar pelo bem estar do marido e filhos. Já

---

<sup>14</sup>*Ibidem.* p. 55.

<sup>15</sup>FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos:** discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, 2006. Disponível em <<http://www.fiocruz.br/ppghcs/media/freiremml.pdf>> acesso em 03 de fevereiro de 2013.

a mulher pobre, trabalhava por necessidade ou era arrimo de família, adiante abordaremos sobre o mundo do trabalho feminino.

Para que houvesse a participação na política a mulher na maioria dos casos era letrada e tinha condições de exercer esse papel social. Foram muitas as formas de integração utilizadas por esse público feminino seja através de pseudônimos ou então integrando movimentos políticos. “Toda sociedade mostra sempre, em algum lugar, as formalidades a que suas práticas obedecem” (2008, p 83). Existe em diversos lugares da sociedade formalidades com as quais devem ser cumpridas e essas práticas seguidas a risca, o que não significa que modos diferentes são adotados nesses locais.

A sociedade de 1930 reconhecia a necessidade financeira que exigia que a mulher fosse a rua trabalhar, mas sempre ressaltando que tais atividades não deveriam atrapalhar os cuidados com o lar. Esses discursos que legitimava a mulher como frágil e indefesa devendo se ausentar dos perigos da rua era partilhado pela Ação Integralista Brasileira - AIB.

A AIB movimento com características fascistas surge como alternativa, propondo um novo modelo de sociedade. Pautado na tríade Deus, Pátria e Família que para a sociedade conservadora essa seria a fórmula de salvação diante do processo modernizador. De acordo com o Monitor Integralista (1937, *apud* CAVALARI, 1999, p. 34) movimento integralista chegou a ter mais de 1 milhão de pessoas, precisamente 1.352.000 militantes.

A partir dessa data o integralismo ganhou muitos adeptos não somente no Recife, mas no estado de Pernambuco. Homens, mulheres e crianças atenderam a convocação de Plínio Salgado<sup>16</sup>, chefe nacional do movimento.

---

<sup>16</sup> Plínio Salgado foi um cidadão participante da sociedade brasileira, conhecido de alguns brasileiros antes da fundação da Ação Integralista Brasileira. Ele fez parte da Semana de Arte Moderna de 1922 junto a Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, compôs o Curupira e o Carão, livro programa da Revolução da Anta, denominação que sugerira em homenagem ao mamífero-totem dos tupis. Em fevereiro de 1928, foi eleito deputado pelo Partido Republicano Paulista, participou de um movimento ligado ao partido conhecido como Ação Renovadora Nacional, mas não se consolidou. Com a chegada das eleições de 30 apoiou a candidatura de Júlio Prestes, o qual era opositor de Getúlio Vargas. Em uma viagem que Plínio fez percorrendo diversos países em especial a Itália foi de extrema decisão para



As fileiras do Sigma<sup>17</sup> abrigavam como militantes na sua maioria jovens intelectuais, pessoas simples do campo, senhoras, estudantes enfim era um movimento que agregava indivíduos de origens distintas.

Geralmente o marido se interessava pelas ideias do movimento e posteriormente trazia a família que seria inserida em atividades destinadas para mulheres e crianças, tanto que foi criada a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos:

Art. 1<sup>a</sup>. O Departamento Nacional Feminino é um dos órgãos da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e da Juventude que tem por fim, arregimentar, orientar e controlar as atividades Femininas no Movimento. Art. 2<sup>a</sup>. O Departamento Nacional Feminino compreende os seguintes órgãos hierarquicamente designados: a) Departamento Nacional Feminino; b) Departamento Provincial Feminino; c) Departamento Municipal Feminino; d) Departamento Districtal Feminino<sup>18</sup>.

O estado de Pernambuco possuía diversas sedes de núcleos integralistas que na sua maioria tinham departamentos femininos, a cidade de Caruaru tinha a D. Cordula como chefe do departamento feminino, a senhora Maria Mamede dos Santos do núcleo de Afogados da Ingazeira, no município de Palmares<sup>19</sup> a senhora Maria José Rogério onde nesse núcleo havia uma escola primária que tinha aulas diurnas e noturnas tendo-se matriculados 84 alunos, as sessões femininas eram feitas aos sábados das 20 às 21 horas. Em alguns núcleos foram encontradas mulheres a frente deles como no Município de Queimadas D. Carmem de Almeida e Sirinhaém a senhora Maria do Carmo Leitão<sup>20</sup>.

---

seu futuro, já que esteve em contato com as ideias do Fascismo, e após se encontrar com Mussolini relata que um fogo sagrado entrara em sua vida e ao regressar ao Brasil resolve por em prática algumas das características do movimento presenciado.

<sup>17</sup>A AIB também chamado de movimento do Sigma devido ao uso do símbolo matemático que corresponde no nosso alfabeto a letra S que seria a soma estando presente na bandeira e no distintivo integralista no sentido de integrar as forças sociais.

<sup>18</sup>Prontuário Funcional nº 5996 - Arquivo Público Jordão Emerenciano - DOPS - PE.

<sup>19</sup>Núcleo Municipal da Ação Integralista nesta cidade - Palmares, 30 de abril de 1937. Prontuário Funcional nº 4938. Arquivo Estadual Jordão Emerenciano - DOPS - PE.

<sup>20</sup>Prontuário Funcional nº 4938. Arquivo Estadual Jordão Emerenciano - DOPS - PE. Recife, 11 de junho de 1936.

Essas reuniões integralistas eram realizadas com o intuito de instruir a militante a cerca do seu papel tanto no movimento como na sociedade. Para tanto o movimento oferecia cursos e conferências. O integralismo estava presente nos meios educacionais, por meio das escolas que ofereciam a alfabetização de crianças, jovens e adultos. É de alçada da divisão de educação orientar as atividades Femininas nos seguintes sectores: a) Alfabetização; b) Enfermagem; c) Puericultura; d) Dactylographia; e) Culinária; f) Corte e Costura; g) Boas Maneiras; h) Contabilidade Caseira e Economia Doméstica<sup>21</sup>.

As obras de assistencialismo eram desempenhadas por mulheres, sendo assim elas deveriam estar capacitadas para as funções. As bandeirantes da caridade eram mulheres que visitavam os bairros pobres instruindo as famílias em relação à saúde. Elas tinham a função de encaminhar os necessitados aos cuidados médicos que seriam tratados nos lactários e dispensários. Para serem bandeirantes de caridade havia a preferência por jovens que fossem dispostas e tivessem noções de enfermagem ou que tivesse conhecimento das leis de assistência social. Como o trabalho seria lidar com o público em geral a paciência era considerada uma das virtudes e uma extrema delicadeza.

No artigo “Mulheres integralistas: enfermeira ‘blusas verdes’ a serviço da nação” (2012) os autores apresentam de maneira detalhada como o curso de enfermagem era desempenhado dentro do movimento integralista. No dia 3 de outubro de 1935, foi inaugurada a primeira Escola Integralista de Enfermagem, na província da Guanabara. Como as obras de assistencialismo eram bastante significativas, o movimento resolve criar sua própria escola de enfermagem para formar as profissionais que atuariam nos seus lactários e dispensários. No decorrer da pesquisa não foi encontrada nenhuma escola de enfermagem na cidade do Recife. O curso oferecido gradativamente atraiu o público feminino que através dessas atividades poderiam ser inseridas no mercado de trabalho.

Havia na cidade do Recife diversas sedes do movimento espalhados por bairros como: Santo Amaro, Afogados, Pina, Cordeiro, Olinda, Beberibe, Campo Grande,

---

<sup>21</sup> Prontuário Funcional nº 5996 - Arquivo Público Jordão Emerenciano - DOPS - PE.

Torreão, Encruzilhada, Mustardinha, Estrada dos Remédios, Areias, Tejipió e Caxangá<sup>22</sup> que eram chamados de núcleos distritais. O Departamento Feminino (JORNAL AÇÃO, 1934)<sup>23</sup> provincial do Recife contava como chefe a senhora Maria de Lourdes Mousinho e chefe do Gabinete a D. Maria do Carmo que coordenavam as atividades voltadas para as mulheres e crianças, mas sempre respaldadas pelo discurso integralista, segundo Salgado (1947, p. 55) “é um absurdo a mulher não ser instruída, perdendo na civilização burguesa e sem Deus todos os fundamentos da sua eficiência mental e da sua grandeza moral”.

Percebe-se que as mulheres que ocupavam cargos de chefia ou mesmo proferiam discursos na sua maioria eram letradas, geralmente professoras, profissão considerada adequada para a mulher da época “na última reunião apresentou um interessante trabalho sobre a doutrina integralista a companheira Professora Maria de Lourdes Mousinho que focalizou ainda com precisão e inteligência o papel da mulher no integralismo” (JORNAL AÇÃO, 1934).

Entende-se que o ideal feminino para o integralismo seria que a mulher ocupasse a esfera pública, mas na condição de militante integralista a rua lhe seria permitida com o intuito de conscientização do que seria o verdadeiro papel da mulher.

O fato da mulher ser submetida ao mesmo regime de trabalho que o homem era considerado um absurdo, já que para o movimento integralista a mulher não era considerada igual ao homem, mas diferente. “Por conseguinte, a mulher integral, a mulher que se realiza na plenitude biológica e espiritual, não é nem superior nem inferior ao homem: é diferente” (SALGADO, 1947, p. 71).

O que os diferenciava seria a divisão sexual dos papéis na sociedade, para a mulher a maternidade seria uma função moral, sendo ela considerada impulsiva, a mulher deveria ser instruída. Quanto à educação feminina, de nada adiantaria a

---

<sup>22</sup>Prontuário Funcional nº 4938. Arquivo Estadual Jordão Emerenciano - DOPS - PE.

<sup>23</sup>Instalou-se solenemente no dia 18 do corrente ano, em sua sede á Rua Barão de São Borja, 98, o Departamento Feminino. Presidiu a reunião o chefe provincial, ladeado pelo secretário do D. P. O. P., e por Anita Pires, nomeada secretaria geral do D. F., que já conta com numerosas adeptas.

instrução sem a educação. O movimento através dos cursos que eram oferecidos tinha o intuito de enriquecer a mulher culturalmente. “Note-se que, de acordo com a visão do Integralismo, a divisão sexual dos papéis socialmente determinados eram explicados pela natureza, pelo temperamento diferente dos dois sexos” (CAVALARI, 1999, p. 59).

Tanto homem como mulher eram considerados como complementos um do outro, tendo cada um sua função física e social, estando pautada na função biológica. A mulher era vista como um ser angelical e altruísta pelo movimento.

A civilização burguesa era considerada como grande escrava das mulheres, pois os atrativos do capitalismo seriam perigosos transformados as mulheres em bonequinhas de luxo. Salgado (1947) afirmava que a mulher que aspirasse uma igualdade ridícula com os homens ou tivesse atitudes masculinas seria classificada como mulher soldado. Sendo assim o integralismo negava as ideias do movimento feminista que lutava pela igualdade de direitos

Em relação a essa luta contra o movimento feminista e suas ideias, vários movimentos de mulheres surgiram na década de 1930 no Recife em que pregavam que a mulher deveria participar das discussões políticas, mas sem jamais perder o título de rainha do lar.

A Cruzada das Educadoras Católicas foi uma das frentes da igreja que atuou para manter o tradicionalismo, Almeida (2001, p. 85) afirma que:

Na petição das futuras mestras, e estas se auto-intitulavam mulheres defensoras da Educação e da Pátria, identificamos a mesma linguagem da Cruzada de Educadoras Católicas contra o comunismo, em que as normalistas afirmam que a defesa do patrimônio moral do estado é tarefa das educadoras católicas.

Susan Besse (1999) intitula tais movimentos de antifeministas, atitudes como ridicularizar e vulgarizar o feminismo eram comuns na década de 1930. A autora apresenta o movimento integralista e apresenta o antifeminismo que se encontra presente no livro de Salgado (1947, p. 109):

O desvio do seu destino começa por essa moderna forma de romantismo que baptizou com o nome de <<feminismo>> e que antes deveria chamar-se <<masculinismo>>, e termina – após todos os

cânticos à liberdade – com a anulação completa dessa mesma liberdade e a queda vertical até os extremos da escravidão e da degradação.

Para Plínio Salgado o movimento feminista escravizaria a mulher, pois a desviaria da sua verdadeira vocação que seria esposa, mãe e dona de casa. A mulher não poderia exercer funções consideradas masculinas e o para o homem não seria adequado ajudar a mulher nos serviços domésticos, perdendo assim seu teor viril.

Pesquisar as mulheres integralistas é um tema intrigante, é sabido que o ofício de historiador é como de um detetive do passado que procura provas. A documentação é um vestígio que foi manipulado, as imagens e representações são fabricadas pelos sujeitos (CERTEAU, 2008).

A história das mulheres integralistas esta imersa na história política e social, não são fatos isolados, escrever uma história das mulheres é dialogar com as relações de gênero. Scott (1990, p. 75) afirma que o gênero é uma maneira de indicar as construções sociais. A década de 1930 estabelece para a mulher o espaço do lar como adequado, mas essa regra estabelecida socialmente passa por transformações que vão desde a economia passando pela política.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Graça Andrade Ataíde de. **A construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanistas, FFLCH/USP, 2001. p. 47.
- ALVES, Ana Elizabeth Santos. Fundamentos históricos da separação entre trabalho de homem e trabalho de mulher: algumas notas. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n. 41, p. 174-187, mar 2011. p. 182. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41/art13\\_41.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41/art13_41.pdf)>. Acesso em: 05 fev. 2013.
- BADINTER, 1985 *apud* FLEIG, Juliana. **Mães desdobráveis**: experiências e memórias da maternidade na segunda metade do século XX. Monografia de História. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná. 2009. p. 44.

- BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.
- CAULFIELD, S. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Unicamp, 2000, p. 26.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 14. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. São Paulo: UNESP, 2009. p. 24; 27
- HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. *In: A identidade cultural na pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2003. p. 47-63.
- HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- LIRA, José Tavares Correia de. **A construção discursiva da casa popular no Recife** (década de 30). *Análise Social*. v. XXIX (127), 1994. p. 740.
- MOREIRA, Cinthia Lopes. **Aspectos da criminalidade feminina**. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, X, n. 40, abr. 2007.
- OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a família à nossa imagem**: a construção de conceitos de família no Recife (Décadas de 20 e 30). Dissertação de Doutorado em História da UFPE/CFCH. Recife, 2002. p. 22.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar**, A utopia da Cidade Disciplinar Brasil: 1890 – 1930, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. p. 85.
- ROCHA, Célia Vieira de Souza. **Maternidade, gênero e religião: a devoção à mãe do Perpétuo Socorro**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás, 2005. p. 86. Disponível em [http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=367](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=367) acesso em: 02 de fevereiro de 2013.
- SALGADO, Plínio. **A mulher do século XX**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1947.
- SIMÕES, Renata Duarte. SIMÕES, Ricardo Duarte; SILVA, Ticiania Ribeiro da. **Mulheres integralistas: enfermeiras “blusas verdes” a serviço da nação. Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, jan.-mar., 2012.
- SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminina de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, nº 015, nov.- dez., 2000. p. 97-117.
- SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2. p. 72-99, jul./dez. 1990.